

**Das dificuldades da distinção entre propriedades intrínsecas e
propriedades extrínsecas**
On the difficulties of distinguishing between intrinsic and extrinsic properties

Josailton Fernandes de Mendonça (UERN)
josailtonnf@uol.com.br

Resumo: Este artigo se propõe mostrar três dificuldades da distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas: A primeira, de ordem metafísica, envolvendo os conceitos de isolamento, independência e propriedades naturais. A segunda, de ordem epistemológica, diz respeito ao fato de termos acesso cognitivo aos objetos ao nível básico do mundo segundo a maneira como nos afeta ou aos nossos instrumentos de medida, não à coisa tomada em si mesma. E terceiro, em termos holísticos, segundo o que apresenta Denby (2006). De acordo com ele a distinção entre intrinsidade e extrinsidade, estabelecida formalmente, deve refletir uma relação de independência entre as propriedades. Conclui-se que por quanto este modelo não reconhece propriedades intrínsecas ou extrínsecas em si mesmas, seu esforço para explicitar a distinção é pouco promissor, e assim não é igualmente isento de dificuldades.

Palavras-chaves: Propriedades; Intrínsecas; Extrínsecas; Independência; Isolamento.

Abstract: This paper is intended to show three difficulties of the distinction between intrinsic and extrinsic properties: The first one of metaphysical order involving the concepts of loneliness, independence and natural properties. The second of epistemic order and it is mentioned to the fact of terms cognitive access to objects to the basic level of the world as in them it exactly affects or to our instruments of measure, not it thing taken in itself. The third in holistic terms according to that it presents Denby (2006). In accordance with it distinction between intrinsicness and extrinsicness must reflect a relation of independence between the properties. The paper concludes that for how much this model does not recognize intrinsic or extrinsic properties in itself exactly, its effort to explicitar the distinction is little promising, and thus he is not equally exempt of difficulties.

Key-words: Properties. Intrinsic; Extrinsic; Independence; Loneliness.

1. Considerações iniciais

Embora Quine (2002, p.81) diga que propriedades são “criaturas obscuras”, para os que não discutem a sua existência, há a questão de saber o que são. Propriedades incluem atributos, qualidades e características das coisas, mas isto está longe de elucidar a sua natureza. Daí porque muitas vezes no esforço para explicar o que são as propriedades, os filósofos lançam mão de noções como mundo possível, fatos, estado de coisa e classes, as quais não são conceitualmente e, tampouco empiricamente evidentes. O que parece dá razão a Quine.

Neste cenário de obscuridade alguns problemas são ainda mais complexos, tais como a distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas. Comumente algumas propriedades são instanciadas por indivíduos em virtude de sua relação com outras coisas. Por exemplo, ser casado é exemplificado por Sócrates porque é casado com Xantipa. São as chamadas propriedades extrínsecas. E há propriedades que as coisas têm independentemente do modo como é o mundo. São as propriedades intrínsecas. Contudo essa maneira de explicitar a distinção está longe de ser clara.

Considere, por exemplo, a propriedade “ser um gato”. É claro que o gato tem a propriedade independente do modo como é o mundo. Contudo, consideremos a definição de propriedade maximal: Propriedade P é maximal se e somente se as partes extensas de P não são em si mesmas P. O que conta como parte extensa de P pode variar, dependendo do que é P. Neste caso, então, cada parte do gato (as pernas do gato, a orelha do gato, o rabo do gato) não é o gato e, portanto, muito embora o gato instancie a propriedade independente do modo como é o mundo, “ser um gato” é uma propriedade maximal e como tal extrínseca.

Consideremos, ainda, um outro exemplo: a propriedade “triangularidade” exemplificado num triângulo. É claro que o triângulo tem a propriedade independente do modo como é o mundo, mas dizer que o triângulo tem a triangularidade não acrescenta nada a idéia de triângulo, é, portanto de acordo com Geach (1969), uma propriedade *mere Cambridge*. Se a função da propriedade é explicar uma mudança real na coisa, o que permite exigir das propriedades intrínsecas o papel de explicar a natureza da coisa, então propriedades *mere-cambridge* não seriam, a rigor, propriedades. Agora, considere a propriedade “ser solúvel em água”, exemplificado por açúcar e sal, por exemplo. Pode-se dizer que essa propriedade é intrínseca a essas substâncias? Claro que não, já que tanto o açúcar como o sal tem a propriedade em virtude do modo como suas moléculas se relacionam entre si e com as moléculas da água. Logo se por um lado “ser solúvel em água” é uma propriedade extrínseca, portanto relacional, ela supõe que as substâncias que a exemplificam tenham, ao nível básico, propriedades intrínsecas. Neste caso se poderia dizer que das propriedades intrínsecas emerge as propriedades extrínsecas.

Todavia se as coisas no nível básico do mundo têm propriedades intrínsecas, das quais não sabemos exatamente como definir, então não se pode obter qualquer conhecimento delas, exceto que são intrínsecas (ESFELD, 2003, p.3). E como tal não se pode também ter certeza de que sejam propriedades de ordem física.

Claro está que a distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas representa um desafio ontológico e epistemológico, haja vista situar-se no cerne da discussão em torno da natureza e da função das propriedades.

A literatura filosófica sobre o tema, principalmente a partir dos trabalhos de David Lewis (1983) tem examinado os conceitos de isolamento, independência e propriedades naturais, com o propósito de elucidar aquela distinção entre intrínsecidade e extrínsecidade das propriedades. No entanto, parece-nos que este esforço não foi e não é muito promissor.

Nosso objetivo, então, é mostrar três dificuldades de explicitar a distinção a partir daqueles conceitos: Efetivamente mostraremos o seguinte: que os termos isolamento, independência e propriedades naturais são mais complexos do que a própria distinção; que, se propriedades intrínsecas subsistem ao nível básico do mundo e determinam o que é a coisa, então somente temos acesso a função da coisa e ao modo como ele se relaciona com resto do mundo; e finalmente, que a distinção estabelecida por Denby (2006) em termos do que chama “holístico” e “quase-lógico” não é uma alternativa promissora face as dificuldades de explicitação dos conceitos de isolamento e independência.

2. Dificuldades da distinção em termos das noções de isolamento, independência e propriedades naturais

Uma idéia intuitiva de propriedades intrínsecas costuma associá-las à idéia de objeto isolado ou, simplesmente, isolamento. Este entendimento é então tomado como critério para o estabelecimento da distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas.

A idéia, de fato, parece ser bastante óbvia: se um objeto tem uma propriedade intrinsecamente, então a tem independente do modo como o resto do mundo é; o resto do mundo pode desaparecer, mas o objeto continua a possuir a propriedade. Isto quer dizer que um objeto que não tem nada distinto de si no mundo, isto é, a propriedade que o singulariza

no mundo só pode ser intrínseca àquele objeto, como sugeria, o exemplo acima “ser um gato”.

Na formulação de Kim (1993, p. 181-182) temos assim a Tese Fundamental do Isolamento: F é uma propriedade intrínseca se, e somente se, é possível para um objeto isolado ser F.

Nesta formulação a bicondicional é problemática (DENBY, 2006, p.3): muito embora se possa admitir que F é uma propriedade intrínseca se é possível para um objeto isolado ser F, o contrário não é necessário, isto é, a hipótese representada pela “volta” na bicondicional - se é possível para um objeto isolado ser F então F é uma propriedade intrínseca – não é necessariamente verdadeira. Simplesmente porque uma propriedade intrínseca pode co-existir com outras propriedades. Sendo assim, muito embora se possa admitir que “ser um gato” é uma propriedade intrínseca se é possível para um gato instanciar a propriedade, não é necessário que gato que instancia a propriedade “ser um gato”, tenha essa propriedade como intrínseca dada a maximalidade da propriedade, conforme vimos.

Além do mais, um exame mais acurado revela, nesse modo de caracterizar a intrinsidade, algumas outras sérias dificuldades, como por exemplo, o fato de desconsiderar o princípio da localização. Ora, de acordo com este princípio uma condição necessária para a existência de qualquer objeto é que ele esteja espaço-temporalmente localizado, logo, qualquer propriedade que este objeto instancia o faz segundo as determinações espaço-temporal. Assim é difícil conciliar a idéia de localização espaço-temporal e a idéia de que o mundo possa desaparecer e o objeto continuar a ter a propriedade, como parece sugerir a Tese Fundamental do Isolamento.

Neste caso, o que a caracterização de intrinsidade supõe é noção de uma forma universal que garante a natureza mesma do objeto, sua unicidade. Mas, assim o problema retorna: o que é uma forma? Seria o caso de voltar-se para a metafísica aristotélica e dirimir a questão. Contudo, esta empreitada não sugere sucesso, haja vista que para Aristóteles a forma tem o caráter de princípio que determina e realiza a matéria. Não parece, contudo, ser esse o entendimento do modo de caracterizar a intrinsidade em termos de isolamento.

Uma outra dificuldade é a própria explicitação de “objeto isolado”. Tomando em termos de mundo físico atual, não há objetos isolados, todos estão numa relação com todos e com o mundo. Considere por exemplo, a propriedade “ter quatro metros de altura” exemplificada por um homem. Tal homem seria um objeto isolado, no entanto é fisicamente impossível, por quanto fere as leis da natureza a existência de tal indivíduo. Portanto “ter quatro metros de altura” jamais poderia ser uma propriedade intrínseca a um ser humano. Além do mais, mesmo que houvesse tal homem, isto é, mesmo que tal homem fosse um objeto possível, ele seria um objeto isolado, mas a propriedade que instanciaría não seria intrínseca, posto que “ter quatro metros de altura” para este homem, significaria dizer que ele seria o mais alto dos homens e “ser o mais alto dos homens” é uma propriedade claramente relacional, isto é, extrínseca. O que parece sugerir que objeto isolado é uma possibilidade *de jure* e nunca *de fato*.

A propósito deste último aspecto, é preciso considerar que a propriedade de “ser isolado” que define intrinsidade em si mesmo não é uma propriedade intrínseca, posto que, si é isolado numa relação com os demais objetos não-isolados.

O que decorre dessa análise é a necessidade de considerar, na explicitação da idéia de propriedades intrínsecas, tanto as noções de isolamento como a de acompanhamento. A idéia é que uma propriedade F é intrínseca independente do fato de um objeto que tem F está ou não isolado.

A esse respeito importa salientar pelos menos três dificuldades indicadas por David Denby, (2006, p 4): (i) Considerando que uma propriedade intrínseca deve ser compatível com ambas o isolamento e o acompanhamento, como classificar as propriedades não-instanciadas? (ii) Se for acrescentado a noção de não-instanciação tem-se que uma propriedade é intrínseca se e somente se tanto a sua instanciação como a sua não instanciação são compatíveis com o isolamento e com o acompanhamento. Neste caso considere-se a propriedade “ser o indivíduo mais alto”. Na avaliação dessa propriedade deve ser considerado: (1) a propriedade é instanciada num indivíduo isolado; (2) a propriedade pode ser instanciada num indivíduo acompanhado (não-isolado); (3) a propriedade pode não ser instanciada por um indivíduo isolado; (4) a propriedade pode não ser instanciada por um indivíduo acompanhado. O problema aqui é que se alguém não

instancia a propriedade, isto é, se alguém não é o indivíduo mais alto, não o é com relação a outros. Logo é uma propriedade extrínseca. Finalmente, (iii) uma propriedade é intrínseca se e somente se é completamente independente, isto é, é independente de toda propriedade (em que F é independente de G se e somente se existe um mundo possível, w' , em que F e G são instanciados; w'' em que somente F é instanciado; w''' em que somente G é instanciado; e mundos w^* em que nem F nem G são instanciados), ou seja, o que faz uma propriedade intrínseca é fato dela ser completamente independente da existência de um indivíduo particular. Mas assim, a propriedade “ser vermelho” é extrínseca já que depende da vermelhidão, tanto quanto “ser mortal” que depende da mortalidade. Contudo, neste caso todas as propriedades são extrínsecas, inclusive as propriedades particularizantes ou *haecceiteis* (ser uma mesa, ser uma cadeira, ser Sócrates).

Neste ponto é importante introduzir a posição de Dunn (1990). Para ele há uma concepção intuitiva que denomina de concepção sintática a qual procura explicitar a intrinsidade em termos de propriedade não-relacional. E há uma caracterização metafísica, que define propriedade intrínseca como aquela que o objeto tem em virtude de si mesmo. A questão aqui é de saber se esta concepção metafísica representa ou traduz adequadamente a concepção intuitiva ou sintática da intrinsidade.

Ora, a concepção metafísica permite afirmar, de acordo com Lewis (2002, p.181), que se dois objetos x e y são duplicatas então, x instancia F se e somente se y instancia F. Em outras palavras se algo tem uma propriedade intrínseca então qualquer duplicata perfeita da coisa também a tem.

Para Lewis, (2002, p.181), então duas coisas são duplicatas se e somente se têm as mesmas propriedades perfeitamente naturais¹ e as duplicatas podem ser objetos não atuais, podem ser habitantes, portanto de diferentes mundos possíveis. Com efeito, Lewis define “intrinsidade” em termos de “duplicata” e “duplicata” em termos de propriedades naturais (DUNN, 1990). Mas o que é exatamente uma propriedade natural? Seriam as

¹ “... then we can say that two thing are duplicates iff (1) they have exactly the same perfectly natural properties, and (2) their parts can be put into correspondence in such a way corresponding parts have exactly the same perfectly natural properties, and stand in the same perfectly natural relations.” (Lewis, 2002, p.180).

propriedades das coisas ao nível básico do mundo? Seriam talvez as propriedades das coisas tal como descobertas e estabelecidas pelas ciências?

A bem da verdade, Lewis nunca oferece uma definição precisa de propriedade natural, embora a conceba como escassas e altamente específicas. Caracterizadora da singularidade do objeto exerceria importante função nas análises conceituais: duplicação, causalidade, leis da natureza, e demais explicações teóricas. E neste sentido são intrínsecas, embora nem todas as propriedades intrínsecas sejam naturais.² O que já denota certa obscuridade no conceito de intrinsidade. Além do mais cada uma daquelas funções que Lewis indica para a propriedade natural parecem gerar diferentes definições para o conceito. Por exemplo, pode-se, a partir da idéia de causalidade, afirmar que propriedades naturais são aquelas que determinam nos objetos poderes causais. Depois, a partir da idéia de duplicação, afirmar que propriedades naturais são aquelas propriedades das propriedades, tal que duplicatas de objetos compartilhariam, isto é, uma espécie de universal. De modo que não há clareza na explicitação do conceito em Lewis. Conclusão a que também chega Sider (1996) a partir da análise desta questão.

Portanto, a distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas em termos de propriedades naturais e em termos de propriedades não-relacionais e relacionais revela-se muito problemático.

Considere-se, por exemplo, a propriedade particularizante “ser Sócrates” ou “ser idêntico a Sócrates”. Considere-se igualmente a concepção intuitiva segundo a qual uma propriedade não-relacional pode ser classificada como intrínseca. Ora, se analisado sob a ótica metafísica, é possível conjecturar a respeito de Sócrates uma situação contrafactual em que sua duplicata partilha consigo de todas as propriedades naturais (seja lá o que isso signifique!), mas não instancie a propriedade “ser idêntico a Sócrates” ou “ser Sócrates”, uma vez que, embora todas as propriedades perfeitamente naturais venham a ser intrínsecas, nem todas as propriedades intrínsecas podem ser tidas como naturais (LEWIS, 2002). Logo estas propriedades que do ponto de vista intuitivo são intrínsecas, do ponto de vista metafísico não o seriam.

² “On my analysis, all perfectly natural properties come out intrinsic. That seems right. The converse is not true”. (Lewis, 2002, p. 203).

Por outro lado é sabido que temos acesso a essência das coisas segundo a maneira como estas coisas nos afetam ou afetam nossos instrumentos de medida, portanto, segundo uma relação e não como as coisas são em si mesmas. Daí como conhecer estas propriedades intrínsecas? Ao que parece ao admiti-las temos que reconhecer uma limitação epistêmica. Neste ponto deve-se reconhecer um hiato entre metafísica e epistemologia.

3. Propriedades intrínsecas como constituintes do nível básico do mundo

A necessidade de distinguir entre propriedades intrínsecas e extrínsecas decorre, segundo a posição metafísica do fato deste mundo se constituir de coisas e propriedades. Enquanto a primeira caracteriza-se pela posse de uma individualidade própria e por sua localização espaço-temporal a segunda permite a manifestação dessa individualidade. O que se faz através da predicação (ESFELD, 2003).

Quando se diz, por exemplo, que “a casa é vermelha” assume-se como claro a noção da existência de duas realidades: a da casa em si mesmo e da propriedade de “ser vermelha” ou “ser colorida”.

Este último constituinte do mundo então qualifica a objeto lhe garantido a cognoscitividade, posto que, na ausência desta não se tem acesso a coisa tomada em si mesmo, isto é, a “coisidade” primitiva. Logo, um aspecto importante das propriedades é o de explicitar ou tornar compreensível a coisa.

O problema com as chamadas propriedades intrínsecas é que embora garantam a cognoscitividade do objeto, em si mesmo não são empiricamente acessíveis, a considerar que as teorias físicas básicas oferecem o conhecimento apenas das relações entre as coisas, por exemplo, força é a relação entre massa e aceleração, a realização de fotossíntese é uma propriedade das plantas que ocorre na relação entre o oxigênio e gás carbônico, calor é a transferência de energia térmica entre os corpos que se encontram em temperaturas diferentes, em fim, o ponto é que as ciências naturais nos dizem tão somente do modo como as coisas estão numa relação uma com as outras. Daí se as coisas ao nível básico têm propriedades intrínsecas não se pode saber ou obter qualquer conhecimento exceto que são intrínsecas (Esfeld, 2003). E deve haver coisas ao nível básico do mundo já que relações requerem coisas que estejam relacionadas.

Ora, ao se assumir que as ciências e particularmente as ciências da natureza tratam da estrutura fundamental do mundo da qual emerge as propriedades extrínsecas e ao considerar que estas ciências não conseguem elucidar a respeito da natureza da intrinsidade, embora pareçam admitir a existência de objetos independentes um dos outros, dado estas coisas, só se pode concluir que as ciências ignoram acerca da natureza última das coisas e que estas “supostas” propriedades intrínsecas são de natureza metafísica e como tais não podem ser classificados como propriedades naturais.

Mas, assumindo-se que todas as coisas estejam espaço-temporalmente localizados, é metafisicamente possível que propriedades qualitativas sejam pontos também espaço-temporais e assim sendo a tese da existência de um substrato intrínseco para as coisas careça de veracidade. Neste caso, entretanto, restaria saber se uma metafísica das relações, sem propriedades intrínsecas das coisas, seria inteligível.

E finalmente para ser coerente com essa posição seria preciso aplicar a navalha de Ockham e concluir pela inutilidade da inclusão das propriedades intrínsecas, de antemão desconhecidas, para explicar a ontologia básica do mundo. O que permite igualmente inferir que distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas é, na verdade um pseudoproblema.

4. Modelo holístico de distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas

Em seu artigo “*The Distinction between intrinsic and extrinsic properties*” (2006) David Denby resume estas dificuldades da distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas e apresenta o que ele chama de um modelo holístico para a distinção, isto é, a classificação das propriedades como intrínsecas e extrínsecas são mutuamente dependentes.

O trabalho explora as noções de instanciação, isolamento, acompanhamento e independência de modo a oferecer uma alternativa em termos lógicos e quase-lógicos as abordagens que, sob os mesmos conceitos, não conseguem oferecer um modelo de distinção isento de dificuldades. A ambição de Denby é triunfar no âmbito em que outros fracassaram. Resta saber até onde esse propósito representa um avanço na discussão.

Assim depois de analisar as posições de Kim (1993) e Lewis (1987) Denby indica a noção de independência completa como fundamental para o estabelecimento do modelo holístico da distinção entre intrinsidade e extrinsidade.

Neste propósito é assumido que uma propriedade é completamente independente de outra se e somente se o modelo de instanciação para uma propriedade não impede ou não requer que esse mesmo modelo instancie outra propriedade. De acordo com Denby, é essa concepção que as teses anteriores não conseguem alcançar. Não permitem, por exemplo, que a instanciação da propriedade “ser vermelho” instancie também a propriedade “vermelhidão”. Daí a necessidade dos três refinamentos seguintes:

1ª) Acrescentar à noção de instanciação a noção de acessibilidade. Sendo F uma propriedade extrínseca e R uma relação de acessibilidade a qual associa x ao conjunto dos indivíduos que instanciam F , pode-se afirmar que x instancia F sob R ;

2ª) Refinar a noção de independência de modo a focar a distribuição da propriedade entre certo número de indivíduos. A distribuição se define então como um triplo $[U, U^*, Rv]$, em que U , U^* e V são conjuntos de indivíduos. U é o conjunto de indivíduos sobre os quais a propriedade é distribuída, U^* é o conjunto de indivíduos em U que instanciam a propriedade e Rv é uma relação que determina quais os indivíduos em V são acessíveis para os indivíduos de U .

3ª) Reformular a noção de compatibilidade em termos de totalidade dos modelos de instanciação das propriedades (distribuição). A distribuição de propriedades é compatível quando são co-possíveis.

Do que se conclui, segundo Denby, que F é completamente independente de G se e somente se toda possível distribuição de F é compatível com toda possível distribuição de G .

Segue-se daí a noção de independência interna e externa: (i) a independência Interna resulta da distribuição sobre indivíduos que são acessíveis somente a si mesmos. Ora uma distribuição $[U, U^*, Rv]$ é interna se e somente se todo u de U e v de V , uRv se somente $u=v$. Isto significa que F deixa de ser internamente independente de G somente se a distribuição de F (modelo de instanciação entre alguns indivíduos) retém ou impede a distribuição de G entre os mesmos indivíduos. (ii) a independência externa resulta da

restrição dos quantificadores na independência completa para a distribuição de F e G tal que F espelha G, mas G não corresponde a F. Entre F e G existe uma correspondência unívoca que parte apenas de F para G, mas não o contrário.

O exemplo seguinte esclarece a idéia de Denby: Considere-se a propriedade “ser sábio” e “ser político”. Seja Péricles uma possível distribuição para propriedade “ser político” e seja Aristóteles uma possível distribuição para “ser sábio”. Ora, se “ser sábio” é externamente independente de “ser político”, então Péricles instancia ambas as propriedades “ser político” e “ser sábio” e Aristóteles instancia apenas a propriedade “ser sábio”. Nesta situação Péricles sendo político pode ser sábio, mas Aristóteles sendo sábio necessariamente não precisa ser político. Em outras palavras “ser político” deixaria de ser externamente independente de “ser sábio” somente se o modelo de instanciação de “ser político” entre alguns indivíduos (Péricles) impedisse a instanciação de “ser sábio” para Aristóteles na medida em que ele não é político.

Portanto, F é internamente independente de G se e somente se a distribuição de F entre certos indivíduos não afeta a distribuição de G entre os mesmos indivíduos e F é externamente independentes de G se e somente se a distribuição de F entre alguns indivíduos não afeta a distribuição de G entre outros indivíduos. E mais, F é completamente independente de G se e somente se é internamente e externamente independente de G e vice-versa. Por exemplo, “ser sábio” e “ser político”.

Na seqüência Denby indica a distinção entre propriedades extrínsecas puras e propriedades extrínsecas impuras ou misturadas. Frequentemente as propriedades extrínsecas parecem ser internamente, mas não externamente independente de todas as propriedades intrínsecas. Se uma coisa está ou não isolado, se tem 68 Kg, se é vermelho ou amarelo, isso não afeta a natureza intrínseca da coisa. Essas propriedades que não afetam a natureza da coisa serão chamadas de extrínsecas puras. Contrariamente propriedades extrínsecas impuras ou misturadas: Aquelas que (a) nem são internamente nem externamente independentes de todas as propriedades intrínsecas. Por exemplo, ser a única coisa vermelha que existe; e (b) aquelas que são ambas internamente e externamente independentes de todas as propriedades intrínsecas.

Daí, finalmente, a distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas é dada termos quase-lógicos da seguinte forma:

Seja I a classe das propriedades intrínsecas; seja P a classe das propriedades extrínsecas puras, e seja M a classe das propriedades extrínsecas misturadas.

A classe tripla de propriedades (I, P, M) é qualificada se e somente se realiza o modelo observado de relação de independência, isto é:

I₁: todo membro de I deixa de ser internamente independente de algum outro membro de I. Por exemplo, seja A e B membro de I, isto é, propriedades intrínsecas, então, a distribuição de A entre x (onde x é um modelo de instanciação de A) afeta a distribuição de B para o mesmo x.

I₂: Todo membro de I é externamente independente de toda propriedade. Por exemplo, seja A membro de I então a distribuição de A em x não afeta a distribuição de P em y.

I₃: Qualquer conjunção de dois membros de I é em si mesmo um membro de I. Por exemplo, seja A e B membro de I então (A & B) é intrínseco.

P₁. Todo membro de P é internamente independente de todo membro de I. Por exemplo, seja F uma propriedade extrínseca pura; seja A uma propriedade intrínseca membro de I. Então a distribuição de F entre x não afeta a distribuição de A entre x.

P₂. Todo membro de P deixa de ser externamente independente de um algum membro de I. Por exemplo, Seja F uma propriedade extrínseca pura; seja A uma propriedade intrínseca membro de I, então a distribuição de F entre x não é compatível com a distribuição de A para algum y, mas não vice-versa.

M₁: todo membro de M ou deixa de ser internamente e externamente independente de algum membro de I ou são ambos, internamente e externamente independente de todo membro de I.

Por exemplo, seja C e D membros de M, ou seja, propriedades extrínsecas misturadas. Seja A uma propriedade intrínseca. Então a distribuição de C entre x tanto afeta a distribuição da A entre x quanto impede a distribuição de A entre y (caso a). Mas ainda pode ocorrer que a distribuição de C entre x não impeça a distribuição de A entre x e a distribuição de A entre y. (è o caso b).

M_2 : Para todo membro de M há algum membro de I , G , e algum membro de P , G^* , tal que a propriedade de ser ambos F e G , e a propriedade de ser ambos F e G^* são membros do tipo (a) de M .

Ora, a classe (I, P, M) é maximal se e somente se toda propriedade ou está em I , ou em P , ou em M . Assim a propriedade é intrínseca se está no primeiro membro do triplo maximal qualificado; é extrínseca pura se estiver no segundo membro; e é extrínseca mistura se estiver no terceiro membro.

De acordo com esta análise a distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas é um reflexo do modelo de relação de independência entre as propriedades, nada mais. Para classificar uma propriedade de acordo com isso é necessário dizer alguma coisa acerca de como a propriedade pode ser distribuída em relação a outras propriedades.

5. Considerações finais

A distinção entre propriedades intrínsecas e extrínsecas em termos de isolamento, acompanhamento e propriedades naturais e mesmo em termos de independência, sem dúvida, é um esforço para conciliar de maneira satisfatória a concepção intuitiva da distinção com o modo metafísico de análise da mesma. Mas fica claro, principalmente pelo tratamento que Denby oferece à questão, que esse esforço não foi tão feliz.

O problema epistêmico do acesso as propriedades intrínsecas e a elucidação de sua natureza, que, a propósito não foi objeto da análise de Denby, são dificuldades a mais postas à questão. Dificuldades, aliás, insolúveis do ponto de vista científico.

Remete-se então à metafísica a explicitação da distinção. É, portanto neste contexto que o trabalho de Denby se coloca. Revela-se aí um esforço por elucidar a problema da distinção apresentando-a a partir da relação de independência entre as propriedades. Classificar uma propriedade como intrínseca ou extrínseca de acordo com este modelo nada mais é, segundo Denby, do que dizer algo sobre como a propriedade é distribuída face as outras propriedades. Ora, assim sendo, não se pode dizer que haja propriedades intrínsecas ou extrínsecas tomadas em si mesmas e, portanto, é como se não houvesse a distinção ou pelo menos não podemos afirmá-la, sem antes prover uma análise holística da questão.

Referências:

DENBY, D. *The distinction between intrinsic and extrinsic properties*, *Mind*, vol.115, n. 457. 2006, p. 1-17.

DUNN, M. *Relevant predication 2: intrinsic properties and internal relation*, *Philosophical studies*, 1990. Disponível em: plato.stanford.edu/intrinsic-extrinsic. Acesso em 16 de junho de 2006.

ESFELD, M. *Do relations require underlying intrinsic properties? A physical argument for a metaphysics of relations*, *International journal for ontology and metaphysica*, 2003. Disponível em: www.metaphysica.de/texte/p2003_1-michael-esfeld.pdf. Acesso em 23 de maio de 2006.

GEACH, P. *God and the soul*, London: Routledge & Kegan Paul. 1969,

LEWIS, D. *New work for a theory of universals*. In: MELLOR, D.H.; OLIVER, A. [Ed]. *Properties*. New York: Oxford readings philosophy, 2002, p.188-227.

KIM, J. *Psychophysical supervenience*. In: *Supervenience and mind: selected philosophical essays*, Cambridge: Cambridge studies in philosophy, 1993, p. 175-193.

QUINE, W.V. *On what there is*. In: MELLOR, D. H.; OLIVER, A. [Ed]. *Properties*. New York: Oxford readings philosophy, 2002, p. 74-88.

SHOEMAKER, S. *Causality and properties*. In: MELLOR, D. H.; OLIVER, A., [Ed]. *Properties*, New York: Oxford readings philosophy, 2002, p. 228-254.

SIDER, T. *Intrinsic properties*, *Philosophical studies*, v. 83, 1-27, 1996. Disponível em: fas-philosophy.rutgers.edu/sider/papers/intrinsic.pdf. acesso em 23 de maio de 2006.

Data de registro: 04/11/2008

Data de aceite: 07/05/2009